FAZER ENSINAR SABER ENSINAR FAZER

DOING TEACHING KNOWING TEACHING DOING

Vladimir Bartalini

Professor doutor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). E-mail: bartalini@usp.br

DEADIME/LID?

RESUMO

Além do pioneirismo na implementação e consolidação do ensino e pesquisa em Paisagismo no âmbito universitário, Miranda Martinelli Magnoli também se destaca por sua atuação profissional.

Pode-se reconhecer a professora nos trabalhos profissionais, ao mesmo tempo em que se percebem os reflexos das questões atinentes ao trabalho profissional na atuação da professora.

O texto explora a indissociabilidade desses aspectos em sua carreira.

Palavras-chave: Profissão e ensino, projeto de paisagismo, ensino de paisagismo.

ABSTRACT

Miranda Martinelli Magnoli is not only a pioneer in the implementation and development of Landscape Architecture in the academic realm; she is an outstanding professional in Landscape Design, too.

We can recognize the professor in her professional works, as well as the consideration of professional issues in her performance as a professor.

The text explores the indissoluble links between these two aspects of her career.

Key words: Profession and teaching, landscape design, the teaching of landscape architecture.

FAZER ENSINAR SABER ENSINAR FAZER

DOING TEACHING KNOWING TEACHING DOING

Distinguir, ou aproximar, os significados de professor e profissional é tarefa para etimólogos. O leigo se perderia na profusão de acidentes que povoam a evolução das línguas e hesitaria em associar o professum que está na origem de professor, professoris, o que faz profissão ou declaração pública de uma crença ou idéia, com o professum de onde proveio profissio, profissionis, a arte, o ofício, o modo de viver. Em se tratando da professora ou da profissional Miranda Martinelli Magnoli, esta dúvida não se coloca. É desnecessário e até inadequado insistir na discriminação, porque nela essas vertentes não se opõem. As águas são indivisas, nascem da mesma fonte e fluem juntas.

Não se trata do caso, comum nas chamadas profissões liberais, em que a experiência ganha no "mercado de trabalho", na prática do ofício, trazida sem mediações para a academia. Arriscaria mesmo dizer que se dá o contrário, se isto não implicasse valorizar uma coisa em detrimento da outra. A profissional Miranda precedeu, cronologicamente, a professora, mas a simbiose entre as duas não permite uma separação simplista, ainda que sua atuação no ensino e na pesquisa seja, no geral, mais amplamente reconhecida.

As figuras se embaralham e a ordem se inverte também na memória pessoal. Primeiro veio a professora, uma professora não de Paisagismo, mas da FAUUSP, do Departamento de Projeto, em um momento em que este passava por crise grave. No curso da faculdade, toda lembrança se limitou simplesmente a isso, pois não se criaram as condições propícias para o trato direto entre o estudante e a docente.

Recém-ingresso, já como arquiteto, no então Departamento de Parques e Jardins, deu-se o contato, ainda que remoto, por meio de textos e desenhos, com a profissional a qual participara do primeiro plano específico de áreas verdes para São Paulo e da elaboração de mais de uma dezena de projetos executivos de praças e parques públicos¹.

Passados já cinco anos de sua formulação, o plano e os projetos ainda eram parâmetros para todos os que estavam no Departamento de Parques. E, apesar do pouco tempo transcorrido, plasmara-se também naquele ambiente de trabalho, além da referência profissional, uma personagem, quase um mito para os que a conheceram mais de perto: intransigente nos princípios, alheia aos elogios ligeiros, avessa à autopromoção. Ressenti-me, então, da impossibilidade do encontro, na Escola, com a professora a qual, embora tão próxima, não tive a oportunidade de ter.

137

O momento favorável para recuperar o que já dava por perdido aconteceu no mestrado, quando a procurei como orientadora. Não é o caso, agora, de relatar a experiência, mas apenas de ressaltar uma passagem, ainda na primeira entrevista, que ilustra a inseparabilidade entre a professora e a profissional, ou a rápida conversão de uma em outra.

Querendo escapar, um pouco que fosse, das limitações próprias ao exercício do projeto de paisagismo em uma empresa de urbanização, imaginei um tema de pesquisa que julgava, então, à altura dos interesses acadêmicos e digno da atenção da professora. Na verdade era vago, abstrato, pretensioso. E seu trabalho na empresa? Fale dele. De meu trabalho? Será que vale a pena? É uma atividade menor, secundária. Paisagismo em espaço público é coisa complementar, só entra quando tudo já está definido, as construções, o sistema viário... Pois justamente por isso seria um bom tema. Como assim? Um muro das lamentações? Uma dissertação sem valor prático ou teórico? Nada disso, você deve pensar nos novos projetos; exponha as falhas do processo e ajude a criar melhores condições!

As contingências profissionais se tornaram, surpreendentemente, razão suficiente, se não condição necessária, para desencadear o trabalho acadêmico.

Pouco tempo depois, em meados dos anos 1980, pude acompanhá-la no projeto de transformação de uma pedreira desativada em um parque público². Emergia, então, a professora, com preocupações e propostas incomuns no cotidiano dos escritórios, como a de estudar a viabilidade da reprodução, em viveiros, das plantas ruderais presentes no terreno, para usá-las como forração. Era a pesquisa andando ao lado do projeto, com o que se atenderia, ao mesmo tempo, a conveniências ecológicas e à economia nos serviços de manutenção do parque.

Conquanto integralmente empenhada na vida acadêmica, a professora Miranda sempre soube enxergar o valor e as possibilidades do fazer profissional, o que talvez explique sua postura bastante crítica em relação a este fazer, seu inconformismo, o inesperado questionamento das unanimidades. Não se contenta com efeitos fáceis, com meias respostas. Os desafios profissionais não a desanimam, ao contrário, impulsionam-na, e, se eles não existem, ela os inventa, recorrendo à professora. Nem as novas tecnologias de projeto a intimidam, mesmo formada na tradição do desenho à mão, pois as utiliza ela própria e cerca-se de quem está atualizado.

Quando decidiu encerrar suas atividades no curso de graduação da FAUUSP, sem abdicar da presença marcante na pós-graduação, teve mais possibilidade de dedicar-se ao exercício profissional. Certamente haveria muito a dizer quanto aos trabalhos dos quais participou desde então. Atenho-me a dois recentes, que as circunstâncias permitiram conhecer mais de perto, fazendo chegar a mim testemunhos isentos sobre a contribuição da profissional e professora. Refiro-me ao projeto Água Espraiada³, de 2000, e ao Plano Regional Estratégico da Subprefeitura Lapa⁴, de 2003.

O Plano da Lapa, como os das demais subprefeituras, foi publicado de forma condensada, na Série Documentos, pela Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura do Município de São Paulo. Mesmo na versão resumida desse trabalho profissional insinua-se a presença da professora da disciplina de Paisagismo, nos moldes em que era oferecida nos anos 1980. Logo após reconhecerem e analisarem as características do espaço em torno de seus locais de moradia, os estudantes eram instados a tomar contato com a paisagem de São Paulo, detectando e representando as feições típicas dos diferentes quadrantes da cidade. Produzia-se coletivamente um mosaico em que transpareciam os padrões e as especificidades da paisagem urbana, um material precioso em informações as quais, ao mesmo tempo, propiciava o estudo analítico e convidava irresistivelmente à formulação da síntese, típica do olhar paisagístico. Uma síntese rica, inclusiva, em que compareciam os variáveis usos do solo, as disparidades sociais, as transformações em curso, as distintas configurações do ambiente construído em suas relações com o suporte físico. Uma carta hipsométrica do município, na escala 1:10.000, era a base sobre

138

a qual se faziam as ilações que o material coletado suscitava, enfatizando a indissociabilidade entre o fato urbano e a fisiografia. Assim se ensinava como deveria ser o estudo da paisagem e do ambiente. Assim foi feito no Plano da Lapa.

Consultando o material que a equipe técnica preparou para subsidiar o plano, bem como o relatório correspondente ao Quadro Situacional e o Relatório Propositivo, as marcas ficam ainda mais evidentes⁵. Revelam-se nas associações entre os fatores geológicos, morfológicos e os problemas sociais de ocupação dos morros, nos comentários críticos ao tratamento setorizado da questão das águas, que leva os administradores a apelarem para a "canalização em geral" dos córregos para fugirem ao "desgaste político", na preocupação em diferenciar "superfície permeável" de "capacidade de infiltração" das águas. Notam-se nas advertências contra os lugares-comuns, como o que associa qualidade do espaço à mera existência de vegetação: "Este vínculo, mal divulgado, leva a que o simples fato de se colocar vegetação seja visto como forma de requalificação. A qualificação ou requalificação dos espaços de uso público, com ou sem 'verde', só existirá se bem projetada: adequada na proposta de implantação e na gestão." 6

Sente-se ainda a professora na ênfase dada às calçadas, por serem o espaço "mais cotidiano" e aos espaços livres públicos em geral, considerando-os sempre com o crivo dos "interesses de convívio da população".

Percebe-se sua mão no levantamento minucioso da situação existente, não se deixando iludir pelas aparências: "Este elenco (de áreas verdes) pode passar a impressão de uma região aquinhoada de praças. Não é válida, na medida em que os espaços são em geral sobras do sistema viário estrutural (...), não passam de grandes rotatórias úteis para arborização mas sem condições de acessibilidade e uso para convívio e lazer"⁸; na atenção dada às especificidades dos lugares; na recusa às generalizações simplificadoras: as propostas são aderentes às realidades paisagísticas presentes nas planícies, nos morros e vales, nos espigões do território da subprefeitura.

Para não alongar em demasia a lista, só mais duas particularidades do Plano da Lapa, que certamente têm a ver com a professora: a demarcação cuidadosa dos perímetros em que se deve dar a "garantia de fruição de paisagem" e, de modo mais característico ainda, a utilização da carta hipsométrica como ferramenta para análise e proposições.

O Projeto Água Espraiada se refere à operação urbana decorrente da abertura da avenida ao longo daquele córrego. Os técnicos da Empresa Municipal de Urbanização — Emurb já vinham, há algum tempo, dedicando-se ao assunto e estudavam meios de exercer um necessário controle sobre os empreendimentos que viessem a ocorrer na região, visando garantir coerência, qualidade urbanística, preservação ou criação de valores paisagísticos e ambientais, enfim, estabelecer uma idéia ou finalidade de conjunto para intervenções as quais se dariam de modo isolado.

Havia dificuldade em traduzir com clareza, pelas posturas urbanísticas, essas intenções. A participação de Miranda Martinelli Magnoli na equipe, contratada pela Emurb para desenvolver o projeto da Operação Urbana Água Espraiada, foi decisiva para dar nitidez ao que estava nebuloso⁹. Mas sua entrada não foi a de um *deus ex-machina*. Primeiro ouviu bastante todos os que estavam envolvidos com o projeto na empresa e tudo o que já lhes viera ao pensamento. Não trouxe resposta pronta, formulou-a com base no levantamento da situação encontrada entre os técnicos da empresa, e no conhecimento adquirido, não no estudo indireto da área da operação urbana, mas no palmilhar minucioso do terreno.

Tinha, no entanto, princípios firmes que lhe davam o norte, os mesmos que ensinava aos alunos, ao lançar mão do método de enxergar o vazio, de projetar a partir do espaço livre; ao focar o conjunto, a paisagem, sem esquecer que ela deve, em escalas apropriadas, acolher o individual e o coletivo; ao priorizar o público.

Tudo isso é registrado nas pranchas do projeto, ganha forma e a possibilidade de materializar-se no espaço. A seqüência de espaços públicos, ou de acesso público, proposta ao longo do córrego exemplifica sua capacidade de fazer as particularidades, as injunções normalmente vistas como entraves, trabalharem em prol de uma idéia mais geral, de conjunto. Os fragmentos de propriedades privadas remanescentes junto da avenida foram alinhavados em uma faixa *non aedificandi* contínua, com um claro sentido ambiental e fruitivo, e acessível ao público, embora constituída, em parte, por terrenos privados.

Os aspectos paisagísticos em sentido estrito, que um pragmatismo tacanho e insensível à dimensão pública da paisagem despreza como supérfluo, estão também contemplados no projeto, por meio de posturas gerais. Elas prevêem o espaço necessário à arborização, controlam gabaritos de altura e criam, ou preservam, aberturas visuais. Justamente por seu caráter geral, essas posturas admitem e pressupõem a diversidade das soluções arquitetônicas, e não obrigam a execução do plano em um único lance, antes respondem à condição mais realista de sua implantação no decorrer do tempo.

Mudanças de orientação ocorridas na empresa levaram ao arquivamento do projeto elaborado em 2000 e à contratação de um novo, com outros profissionais, em vigor atualmente. Mas as contribuições contidas nas propostas do anterior não foram esquecidas pelos técnicos, e informam novos projetos, como a adoção da "contrapartida urbanística", em vez da "contrapartida financeira", por parte dos empreendedores que vierem a aderir a uma operação urbana. O ensinamento, não de mão única, mas resultante do fazer conjunto, foi absorvido, propagado e poderá materializar-se em diferentes formas na paisagem. É a realização do professor e do profissional.

Durante anos, na sala do Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente da FAUUSP, estiveram guardadas pastas com projetos elaborados por Miranda Martinelli Magnoli que nós, então ocupados com dissertações e teses, nem abríamos para consultar. Ela, discreta em relação ao seu trabalho profissional, não induzia abertamente a que o fizéssemos, deixava-os lá, à espera, no aguardo paciente de nosso amadurecimento, que só um professor sabe suportar.

Notas

- (1) O Plano de Áreas Verdes de Recreação, de 1967, foi elaborado em conjunto com a arquiteta Rosa Grena Kliass e teve a colaboração da arquiteta Maddalena Re.
- (2) Projeto de paisagismo do Parque Pedreira São João, em Itapevi-SP, para Rino Levi Arquitetos Associados, 1985. O projeto, que contou também com a participação de Maria Angela Faggin Pereira Leite, não foi executado.
- (3) Para a elaboração do projeto da Operação Urbana Água Espraiada, a Empresa Municipal de Urbanização Emurb contratou, em um primeiro momento, Botti e Rubin Arquitetos, em consórcio com o escritório Ambiente & Paisagem, este sob a responsabilidade de Miranda Martinelli Magnoli. Da equipe coordenada por ela faziam parte os arquitetos Ana Maria Antunes Coelho, Fábio Mariz Gonçalves e Luis Mauro Freire.
- (4) O Plano Regional Estratégico da Subprefeitura Lapa teve como autores, além da arquiteta Miranda Martinelli Magnoli, o arquiteto Lúcio Gomes Machado (coordenador) e a arquiteta Nilza Maria Toledo Antenor. Contou ainda com a colaboração dos arquitetos Fernando Falcon, Luís Ramos, Patrícia Zandonardi, Renata Salvias e Giovanna Della Guardia, e do estagiário Roberto Eidji da Silva Bezerra.
- (5) O acesso a esse material foi possível graças à colaboração da arquiteta Nilza Maria Toledo Antunes, atual diretora de Planos Urbanos da Secretaria Municipal de Planejamento da PMSP, e da arquiteta Caroline de Figueiredo Bertoldi Silveira.
- (6) Quadro Situacional Diagnóstico de Situação da Subprefeitura Lapa, p. 77.
- (7) Idem, p. 78.
- (8) Idem, p. 78.
- (9) Devo à feliz proximidade com o arquiteto Vladir Bartalini, gerente de Operações Urbanas da Emurb, a possibilidade de conhecer a trejetória desse projeto e recolher seu depoimento pessoal a respeito da contribuição de Miranda Martinelli Magnoli.

140